



«Viribus unitis, atingir-se-ia mais rápida e facilmente o alvo. Além disso, todas as obras cujo objectivo é favorecer os africanos, todas obras de Deus, as quais, separadas umas das outras, produzem frutos escassos e incompletos; pelo contrário, unidas e dirigidas ao único fim de implantar estavelmente a fé na África interior, obteriam maior vigor, desenvolver-se-iam mais facilmente e tornar-se-iam grandemente eficazes para alcançar a meta desejada» (Escritos 1100)

*«O Senhor pediu a unidade entre nós “para que o mundo acredite” (Jo 17,21). O mundo não acreditará porque nós o convenceremos com bons argumentos, mas se tivermos dado testemunho do amor que nos une»
(Papa Francisco – Audiência Geral de 20/01/2021)*

Caros Irmãos,

cheguem a todos vós os nossos votos de paz.

27/07/1923 – 27/07/2023. Passaram cem anos desde a divisão do Instituto comboniano em duas Congregações separadas e autónomas. Muitos poderiam perguntar-se: «Porquê recordar a ferida da divisão? Porquê comemorar um acontecimento doloroso?».

Como Conselho Geral, optámos por fazer esta memória e convidamos todos a fazê-la. Porque 1923 é uma data que marcou a história do nosso Instituto, e sentimos que é nosso dever, e honesto, voltar a reflectir sobre as causas desse acontecimento amargo, questionando-nos também sobre os acontecimentos que o precederam e que podem em parte explicá-lo, mas não justificá-lo.

Todos concordamos que estar divididos é sempre doloroso, e também um sinal de contra-testemunho do Evangelho, especialmente se esse sinal vem de pessoas consagradas à causa do Evangelho. Ao mesmo tempo, a memória pode – e deve – tornar-se uma oportunidade para consolidar as bases, equipar-nos e activar-nos para que, no presente e no futuro, nunca mais cheguemos a uma situação em que a separação possa ser considerada uma opção viável. A clarificação do passado ajuda a viver com mais serenidade o dia de hoje e a encarar o amanhã com esperança.

Recordar a dor da divisão deve reforçar em nós a beleza indescritível da reunificação, da descoberta feita – juntos de novo – do nosso carisma mais autêntico, e da consciência actual de que ser “um” nos torna mais prontos a enfrentar a missão, a compreender o seu verdadeiro significado e a aceitar as suas implicações e sacrifícios.

Em todas as instituições existe sempre a tentação, devido a acontecimentos históricos – como, no nosso caso, a escalada de tensões entre italianos e austro-alemães durante e depois da Primeira Guerra Mundial – de procurar o “meu” caminho em vez do “nosso”, de traçar o seu próprio caminho particular em vez de seguir o caminho decidido em conjunto, de afirmar as suas próprias verdades contra os erros dos outros...

Mas hoje estamos mais convencidos de que a divisão nunca leva ao enriquecimento e nunca liberta as melhores energias para nos tornarmos protagonistas de um verdadeiro caminho de construção. A divisão leva sempre a viver no isolamento e a fechar-se em si mesmos, e isso produz um empobrecimento intelectual, cultural, religioso, carismático e missionário.

O passado é muitas vezes visto como distante, pouco compreendido e, portanto, irrepitível. Mas não podemos excluir que as realidades ou situações futuras possam tentar-nos com a perspectiva de não viver unidos. O perigo de repetir um erro do passado está sempre à espreita. É por isso que é

importante que o Instituto assuma a tarefa de transmitir a memória, porque ela é indispensável para nos orientar no mundo e na Igreja. Isto implica sempre escolhas decisivas, portadoras de conhecimentos, de juízos, de valores, de emoções capazes de orientar o nosso presente e o nosso futuro.

Evidentemente, recordar, fazer memória, não pode nunca degradar-se a uma narração retórica que não reflita a complexidade dos factos. Fazer memória deve implicar um conhecimento histórico preciso, porque só assim a anamnese será útil para conhecer verdadeiramente o passado em todos os seus aspectos. E isso torna-se um compromisso que deve envolver todos, porque todos queremos continuar a dar força e impulso ao que aconteceu em 1969, o ano “abençoado” em que foi decidido iniciar o processo de reunificação.

Seguiu-se um caminho árduo, empreendido por irmãos que, com a sua humanidade e fragilidade, mas também com um forte sentido de responsabilidade, souberam visitar, ler, interpretar os desafios e as grandes mudanças na sociedade e na Igreja de então (ver Concílio Vaticano II), e depois tiveram a sabedoria de traçar um caminho de comunhão que felizmente se concluiu em 1979, o ano “santo” da reunificação. Teremos sempre de ficar muito gratos a todos os irmãos que acreditaram na reunificação e trabalharam para a concretizar, bem como à Igreja que sempre nos acompanhou – com o seu constante encorajamento – ao longo do caminho.

No contexto comboniano actual, fazer memória da ferida da divisão, recordar a vontade de voltar a estar próximos e a colaborar, recordar a alegria de voltar a ser “um”, é fundamental, porque nos permite manter e preservar a nossa própria identidade. Que a memória deste regresso à unidade seja para nós uma “escola” para o apelo que hoje sentimos a viver a interculturalidade nas nossas comunidades e no nosso Instituto.

Ao fazer memória – e ao preservá-la – ninguém pode e deve ficar sozinho. Porque a vida e a história de cada um de nós restitui valor e reconhecimento à vida de inúmeros irmãos que deram a sua vida, com dedicação e disponibilidade, ao serviço dos mais pobres e abandonados da história.

Gostaríamos de concluir com uma observação simples e, esperamos, significativa. Ao longo da nossa história apareceram várias siglas como nossos ‘nomes’ próprios: FSCJ (*Filii Sacri Cordis Jesu*), MFSC (*Missionarii Filii Sacri Cordis Jesu*), MCCJ (*Missionarii Comboniani Cordis Jesu*). Duas palavras permaneceram sempre presentes, mesmo quando os dois “ramos” da única “videira” se separaram: *Cordis Jesu*. Queremos acreditar que o nosso desejo de voltar a ser “um” e a unificação conseguida foi sempre “*uma questão de coração*”. Foi realmente o nosso acreditar no Coração de Jesus, onde o amor trinitário se manifestou na carne, que nos levou de novo a sermos melhores testemunhas de um Deus que é amor, e, portanto, *comunhão, fraternidade*, e a anunciar e servir juntos?

Que o Coração de Jesus nos mantenha sempre unidos.

O Conselho Geral

Roma, 1 de Julho de 2023